

LIÇÃO 127



Fundamentos

Restaurando o Modelo Bíblico

Introdução

Restaurando o Modelo Bíblico



Por Vanjo Souza

Nesta centésima vigésima sétima lição do Fundamentos, estudaremos o tema: “Missão: Restaurando o Modelo Bíblico”. Aqui compreenderemos melhor como surgiu o atual modelo missionário e como devemos trabalhar para voltar ao velho modelo bíblico.

Seremos apresentados aos testemunhos de alguns homens que Deus despertou para a necessidade de ir até aos confins da terra, pregando o evangelho a toda criatura. Aprenderemos sobre a necessidade e urgência de desmistificar aquele pensamento segundo o qual, para fazer missões, é preciso haver um “chamado” de Deus.

Na lição anterior estudamos sobre o surgimento das expressões “Missões” e “Missionário”, considerando a forma como as compreendemos hoje. Vimos, ainda, como a Igreja abandonou sua vocação de pregar o Evangelho, indo por todo o mundo, a todas as nações, para levar o evangelho a toda criatura, prática que foi sendo substituída pelas chamadas organizações missionárias.

Na lição de hoje procuraremos entender melhor como surgiu o atual modelo missionário e quais são os problemas relacionados a ele. Estudaremos, também, sobre o que devemos fazer para voltarmos ao velho modelo apresentado no Novo Testamento.

Compreendendo o atual modelo missionário

O surgimento do movimento missionário produz a necessidade de que sejam criadas organizações para dar suporte a este movimento e aos próprios missionários, em termos de apoio logístico ou financeiro. Emerge daí o que temos chamado de “a mística dos vocacionados” ou a mística dos “chamados” para fazer missões. O que estamos chamando de “mística” é àquele pensamento segundo o qual, para fazer missões, é preciso haver um “chamado” de Deus. Esse “chamado”, pode assumir conotações extremas, à exemplo do que se tornou comum ouvir: “Eu tenho um chamado de Deus para ir a tal lugar do mundo, evangelizar tal povo e cultura”.

É aceitável que Deus possa chamar alguém, específica e eventualmente. Ao longo da História encontram-se vários exemplos, mas não é a regra. Porém, é perigoso acreditar que só deve ir quem Deus “chamou”. Essa visão pode levar a duas consequências ruins: uma é um engano perigoso que imobiliza a Igreja, pois, quem “não é chamado” não pode ir; outra, é a possibilidade de serem enviadas pessoas despreparadas, o que pode causar muitos problemas e desastres, no chamado campo missionário.

Nesse “ambiente missionário”, principalmente diante de situações difíceis, é comum se ouvir expressões do tipo:

“Só permanece no campo quem foi chamado ou quem tem certeza do seu chamado”;

“Tão perigoso quanto não ir tendo um “chamado” é ir sem ter um “chamado”.

São equívocos criados que geram dúvidas, até em pessoas zelosas. Alguns até desistem por não se sentirem “chamados”. Consideramos equívocos, pois, o chamamento, a ordem é para todos:



E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura.

Marcos 16:15

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

Mateus 28:19

Mas, recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo e sereis minhas testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda Judeia e Samaria e até aos confins da terra.

Atos 1:8

Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.

1 Pedro 2:9

Porém, quando se coloca a condição que só deve ir quem for “chamado”, se estabelece uma limitação perigosa para o avanço da Igreja. A consequência direta disso é que muita gente capacitada por Deus que poderia ser de grande benção indo a outras culturas, não se anima a ir porque “não tem um chamado”; e, ao mesmo tempo, muitas pessoas que não possuem qualificação de caráter, de graça, de depósito e recursos em Deus, são enviadas por dizerem que “têm um chamado”.

De acordo com o que já vimos sobre os acontecimentos pós Reforma Protestante, Deus começou a agir por meio de vários movimentos espirituais e de despertar da Igreja, que estava adormecida por mais ou menos mil anos. Não cumpria seu papel de sal e luz, de cidade edificada sobre os montes, de testemunhas e proclamadores e, neste período, a maior parte da humanidade não tinha conhecimento do Evangelho, vivendo em trevas espirituais.

Grande parte dos povos africanos, na chamada “África Subsaariana”, ou África Negra, vivia na prática do animismo, prática religiosa que considera que todos os objetos e seres vivos e os astros, possuem vida e poderes espirituais. O mesmo acontecendo com os países da Oceania (nas atuais Austrália, Nova Zelândia, Guiné Papua, etc); o Norte da África, a chamada “África árabe”, estava (e ainda está), sob o domínio do Islamismo; a Ásia estava debaixo de religiões como Budismo, Brahmanismo e Islamismo, além de outras religiões orientais.

Neste período, Deus despertou o coração de alguns homens para a necessidade de ir até aos confins da terra, como demonstrado a seguir por meio de alguns nomes que se destacaram:

William Carey: Índia e imediações

Inglês considerado “pai das missões modernas”. Foi dele uma das primeiras iniciativas de ir aos povos pagãos para anunciar o evangelho. Ele pregou o evangelho na Índia e imediações. Sua história é dramática e inspiradora e deve ser conhecida.

O “Avivamento Morávio”, em uma região onde hoje se encontra a Tchecoslováquia.

Esse avivamento foi marcado por uma prática, que, durante muitos anos, houve o envio de grande parte de seus jovens, para várias partes do mundo - alcançando do Polo Norte, entre os esquimós, até a Patagônia Argentina.

Hudson Taylor

Ficou conhecido pela prática de adequações culturais. Ele era inglês e foi evangelizar a China. Ele utilizou um método de trabalho no qual, para se aproximar dos chineses, passou a se vestir como eles: deixou o cabelo crescer, fez tranças, usou suas vestimentas e calçados. Hudson obteve grandes resultados com a aproximação que passou a ter com o povo chinês.

Adoniran Judson: Birmânia (atual Myanmar)

Em sua juventude foi ateu e comunista, formado em Harvard, um intelectual reconhecido, que, se converteu e entregou toda sua capacidade ao serviço do Senhor. Ele passou cerca de 14 anos preso e compôs dezenas de cânticos cristãos em birmanês.

David Livingstone (África do Sul e África Central)

Era médico e geógrafo e descobriu as nascentes do Nilo e as Cataratas de Vitória. Conta-se a respeito dele que, muitos anos após sua morte, missionários foram à África e não sabiam do trabalho que ele havia feito entre aqueles povos que estavam entrando em contato naquela ocasião. E quando aqueles novos missionários começaram a falar sobre o caráter de Jesus, reto e perfeito, que nunca havia pecado, nem em sua boca se havia achado nenhum engano, os nativos disseram: nós conhecemos esse homem, ele esteve entre nós. E os missionários admirados com a fala dos nativos quiseram saber do que eles estavam falando, pois, Jesus nunca estivera naquele lugar. E quando os homens, afirmando que Jesus havia estado com eles, passaram a contar histórias sobre sua estada, os missionários identificaram que se tratava de David Livingstone, um homem que se parecia com Jesus, inclusive na determinação de ir e pregar o evangelho.

John Patton: Ilhas Novas Hébridas (hoje Vanuatu)

Há uma história muito interessante a respeito desse homem, que era escocês e resolveu evangelizar as ilhas Novas Hébridas, que era habitada por canibais. Ele foi para lá com sua jovem esposa e um filhinho de um ano.

Quando estava se preparando para ir, em um encontro da igreja, um homem idoso se levantou e perguntou: estás louco, Patton, indo aos canibais? Eles irão devorar vocês. Ao que Patton respondeu: “Naquele dia glorioso meu corpo ressuscitará tão glorioso como o teu, e não fará diferença se terá sido comido por canibais ou por vermes”. E nessa determinação ele foi evangelizar canibais, que, não o devoraram e receberam as marcas do Reino de Deus.

Charles Studd: China, Índia e Sudão

Esse homem era inglês, jogador de cricket, fazia parte da seleção inglesa, era famoso, conhecido, estava no auge da carreira. Ele recebeu uma grande herança de seu pai e dedicou toda sua riqueza para a obra missionária, para a imprensa bíblica, orfanatos, etc. Ele foi ser cooperador com Hudson Taylor na China e de lá foi para a Índia. Aos 50 anos precisou regressar a Inglaterra pois estava enfermo, precisando de tratamento.

Devolta a Inglaterra, participando de um culto em uma determinada congregação, ouviu o dramático apelo de um missionário que estava chamando pessoas que quisessem evangelizar povos nativos da África. E o apelo era: Convite para ir aos canibais. O missionário fazia o apelo aos jovens, porém, nenhum dos presentes se animou. Então, aos 50 anos, Studd se prontificou a ir. Em consulta com o médico da Missão, ele ouviu a seguinte advertência: Charles, você veio aqui para se tratar, se você for para os trópicos, para a selva africana, irá morrer, não viverá nem 15 dias. Ao que Charles respondeu: *“Se Jesus Cristo é Deus e morreu por mim, nenhum sacrifício será grande demais que eu não possa fazer por Ele”*. Homens dessa estirpe marcaram a História. O Charles Studd foi para o Sudão e é o fundador da Missão AMEM.

A obra destes gigantes e de outros homens e mulheres, conhecidos e anônimos, impactaram fortemente a igreja dos três últimos séculos, despertando pessoas com disposição de seguir os passos deles e apoiar as organizações missionárias que fundaram.

O despertar missionário

No meio desse despertar missionário surgiram as chamadas “Juntas de Missões” ou “Departamentos de Missões”, nas mais diversas denominações evangélicas, que foram criados nesse mover de buscar estratégias para levar o evangelho aos confins da terra.

No entanto, a essa altura, todas estas organizações já tinham seus esforços orientados pelo entendimento de que seriam enviados “os chamados” ou “vacionados”, as quais eram identificadas, enviadas e sustentadas por estas organizações. Assim, mesmo a igreja se envolvendo de forma mais objetiva e direta no envio de missionários, era dentro da visão de que, apenas alguns, eram “chamados” e “vacionados”.

Essa é uma prática comum, até hoje, inclusive em nosso meio. Há várias pessoas que possuem o desejo de pregar o evangelho em outras terras, porém, duvidam se possuem ou não o “chamado”. É provável que você não tenha o “chamado”; mas o seu coração arde por atender o ‘Ide’ de Jesus, de ir ao mundo e pregar o evangelho a toda criatura, sem a exigência de que Deus faça um chamado específico para uma pessoa.

Segundo nossa compreensão, todo esse movimento foi usado por Deus para abençoar a Igreja e o mundo, permitindo que o Evangelho chegasse até nós. Sugerimos que todos estudem sobre a História da Igreja no Brasil, para conhecer as grandes dificuldades enfrentadas pela igreja cristã, evangélica, protestante, se estabelecer no Brasil.

Por mais de trezentos anos não foi possível furar o bloqueio do Catolicismo Romano. A chegada do Evangelho de Deus no Brasil foi muito difícil, à custa de muitas mortes, mártires e diversos tipos de perseguições. Era tão difícil entrar com o evangelho no Brasil, quanto é hoje entrar nos países mulçumanos. À época, o Brasil era um país de confissão religiosa católico romana e o governo não admitia a entrada de evangélicos e protestantes.

Porém, mesmo entendendo esses movimentos como sendo responsáveis pela chegada do Evangelho até nós, entendemos, também, que Deus usou todos estes movimentos como “Aio”, até que a Igreja despertasse e entendesse que deve ir “por todo o mundo e pregar o Evangelho a TODA CRIATURA”, essa é nossa vocação. Devemos começar pelos nossos vizinhos, pelo nosso oikos, por àqueles que fazem parte da nossa convivência e podem ser influenciados por nós, indo até os confins da terra. É assim que retornaremos ao modelo original, ao velho modelo. Todos somos chamados, vocacionados e enviados por Jesus. Devemos anunciar o evangelho a começar por onde estamos, mas, com nossos olhos postos nos confins da terra.

Reavivemos nossa memória e nossa consciência quanto a forma que devemos viver. Já destacamos aqui que os irmãos citados nos textos abaixo, anunciaram o Reino de Deus, mesmo estando sob terrível perseguição. Homens e mulheres, famílias, que sabiam estar no mundo não para se darem bem, mas, para pregar o evangelho.



E Saulo consentia na sua morte. Naquele dia, levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém; e todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judeia e Samaria. Alguns homens piedosos sepultaram Estêvão e fizeram grande pranto sobre ele. Saulo, porém, assolava a igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, encerrava-os no cárcere. Entrementes, os que foram dispersos iam por toda parte pregando a palavra.

Atos 8: 1-4

Então, os que foram dispersos por causa da tribulação que sobreveio a Estêvão se espalharam até à Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a ninguém a palavra, senão somente aos judeus. Alguns deles, porém, que eram de Chipre e de Cirene e que foram até Antioquia, falavam também aos gregos, anunciando-lhes o evangelho do Senhor Jesus. A mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram ao Senhor. A notícia a respeito deles chegou aos ouvidos da igreja que estava em Jerusalém; e enviaram Barnabé até Antioquia.

Atos 11: 19-22

Todos podem ir a outras nações e culturas?

Já compreendemos e aceitamos que devemos pregar a Palavra onde vivemos e onde estivermos. Mas todos podemos ir a outras nações e culturas? Ao dizermos que todos são chamados, não estamos dizendo que todos estão aptos para ir, mas, que todos devem querer ir. Reafirmamos que todos devem ter consciência e o peso no coração de que se verem como corresponsáveis para fazer com que o evangelho chegue a todas as nações, a toda criatura, aos confins da terra.

A pergunta que originou as organizações missionárias é a mesma que a Igreja deve fazer hoje: Como fazer para enviar pessoas para lugares distantes e que resistem à fé em Jesus? Há povos indígenas ainda não alcançados, há culturas não alcançadas e há civilizações completamente resistentes e fechadas – como países mulçumanos e países comunistas.

São idiomas diferentes e difíceis de aprender, falados por poucos, como preparar pessoas para enviar? Não podemos romantizar a situação: é necessário ir, temos que ir, somos vocacionados, recebemos poder, então vamos. Há questões importantes de logística, estratégias, que devem ser pensadas pela Igreja. O problema principal é que a Igreja não tem parado para pensar sobre isto. Aqui, não me refiro ao presbitério, ao diaconato, ao corpo de Cristo, ao reino de sacerdotes; cada discípulo deve tomar sobre si a grande responsabilidade de cooperar para que o evangelho chegue a toda criatura – seja indo, orando, ofertando recursos. Mas deve estar presente em todos nós a consciência da nossa responsabilidade.

Existem dificuldades reais e a maioria das igrejas, das congregações não estão prontas, preparadas, para enviar obreiros a outras nações

e culturas mais distantes e de difícil acesso. Algumas dessas nações são Estados políticos bem estabelecidos, que exigirão vistos. Para entrar em um país muçumano e ir morar lá, qual motivo será alegado, que tipo de visto será necessário, que argumento será usado para entrar e morar naquele país e pregar o evangelho para eles?

Este é um dos principais motivos pelos quais as organizações missionárias ainda precisam existir; as igrejas não têm enfrentado as questões práticas que envolvem o envio de obreiros para outros povos e nações. Introduzir um obreiro em um país muçulmano ou comunista, exige esforço e toda uma logística e estrutura que não é fácil de se conseguir.

É de extrema importância e urgência, que haja desejo ardente nos nossos corações para ir ou enviar pessoas aos povos ainda não alcançados. Não podemos esquecer que somos alvo do esforço, amor, abnegação de alguns mártires, que deram suas vidas para que pudéssemos conhecer o evangelho de Cristo.

Não sejamos omissos nem descuidados com relação aos que estão se perdendo pelo mundo, que não ouviram sobre as boas novas da salvação, por não terem tido a chance de ouvir. Darei um testemunho pessoal: a primeira vez que eu e Benito fomos a um país do Norte da África, com o objetivo de fazer uma incursão naquela cultura, estávamos fazendo um passeio e Benito falando em inglês com os guias, começou a conversar sobre futebol. Um dos guias citou vários nomes de jogadores brasileiros conhecidos internacionalmente. Benito, tentando introduzir na conversa algo sobre Jesus, perguntou: e você já ouviu falar sobre Jesus? Ao que o guia respondeu: não, esse não conheço. Joga onde?

É trágico. Estava ali um homem que conhecia jogadores brasileiros, mas, nunca havia ouvido falar sobre Jesus e o confundiu com um possível jogador. Esse fato aconteceu há vinte anos e, ainda hoje, existem bilhões de pessoas que nunca tiveram acesso ao evangelho, pois não há recursos para possibilitar a ida até elas. E de quem é a responsabilidade, quem vai fazer chegar até eles o evangelho de nossa redenção? Quem vai compartilhar com eles a salvação que nos alcançou? É lícito desfrutarmos disto e não levarmos adiante?

Muitas vezes, lembrando dos leprosos que saíram de Samaria, história que está contada no livro de 1 Reis no capítulo 7, pois a cidade estava cercada pelos sírios e havia muita fome lá, ao ponto

de mães comerem seus filhos; e aqueles leprosos, vendo que morreriam se ficassem, fugiram para o arraial dos siros. Quando chegaram no arraial encontraram tudo abandonado e foram entrando nas tendas comendo e bebendo e tomando dali prata, e ouro, e vestes e tudo que encontravam, levavam para um lugar e escondiam. Porém, um deles em um lampejo de consciência, viu que não era bom o que estavam fazendo. Ele alegou que a cidade deles estava passando fome enquanto havia abundância de alimento ali, e chamou os companheiros para irem anunciar as boas novas.

Nós temos abundância de pão, temos tudo que precisamos para ser igreja aqui. Desfrutamos do evangelho e das bênção que ele trouxe consigo; desfrutamos da sã doutrina, da doutrina dos apóstolos, da doutrina de Jesus; desfrutamos da fé, da comunhão com Deus; desfrutamos da sua Palavra; desfrutamos da comunhão com os santos; desfrutamos da bendita esperança de encontrarmos com Jesus; desfrutamos da eternidade e podemos dizer como o apóstolo Paulo: “se a nossa esperança em Cristo se resumisse apenas a este mundo, seríamos os mais miseráveis de todos os homens”. Porém, a nossa esperança salta para a eternidade.

Mas, não podemos esquecer que há bilhões que sequer podem querer desfrutar disto, pois nunca ouviram e, neste presente momento, não têm chance de ouvir e não ouvirão nos próximos anos. Conversando com um mulçumano convertido em um país do Norte da África, um ex-terrorista, ele disse que seu pai havia sido um homem piedoso que amava a Deus e queria agradar a Deus. Mas só conhecia o Alcorão e nunca ouviu falar de Jesus. E como esse relato me pesou o coração!

Para que seja possível alcançar estas pessoas é necessário que pessoas com recursos financeiros e com capacidade empreendedora e administrativa, se disponham a dedicar seu tempo, seu dinheiro e seus talentos a este serviço. É necessário que a igreja possua a consciência que é proibitivo que desfrutemos de tantas bênçãos, estando alheios à sorte e ao destino de bilhões de pessoas que nunca ouviram o evangelho. A pergunta que cada um de nós tem que fazer é: O que devo fazer com todos os talentos que o Senhor me deu?

De qualquer maneira, já existem obras estabelecidas em vários destes países chamados “fechados”. Já tivemos oportunidade de estar em alguns desses países onde, mesmo não sendo possível

começar uma obra pioneira, inédita, existem obras estabelecidas, nestes e em vários outros lugares do mundo. Alguns mais ou menos hostis, outros mais ou menos fechados, mas com grande necessidade de obreiros. E podemos ir ou apoiar de maneira prática.

Quem pode ir?

Podemos definir duas formas de acesso:

- 01** Para começar uma obra pioneira, estabelecendo igrejas onde ainda não existe.

Que sejam homens capacitados para:

- a)** Evangelizar com riscos e perigos diversos;
- b)** Fundamentar os convertidos;
- c)** Formar corpo, ou seja, correto ordenar os santos, capacitando-os para o exercício de seu sacerdócio no seu ambiente nativo, entre os seus patrícios;
- d)** Formar obreiros aptos para discipular e pastorear os novos discípulos;
- e)** Assimilar diferenças culturais (levar o Evangelho, a doutrina e os princípios, e não a sua cultura). Um dos grandes problemas na obra missionária é que obreiros ocidentais que vão para outros países e levam os códigos culturais de sua própria cultura. Não devemos fazer isso, devemos levar o Evangelho, a doutrina e os princípios e não nossa cultura. É nessa perspectiva que Paulo fala: fiz-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns. Devemos levar Jesus, a fé no Reino de Deus, a doutrina dos apóstolos, o conselho de Deus. Portanto, esses homens devem ser aptos para separarem isto: a sua cultura do Reino de Deus;
- f)** Pastorear a Igreja local e ensinar todo o “Conselho de Deus”.

- 02** Para cooperar com uma obra já existente:

- a)** Discípulos e discipulas maduros e aptos para discipular outros. Há lugares com grande necessidade de que mulheres maduras possam discipular outras. Naturalmente sob o amparo de obreiro

local, debaixo de orientação pastoral. Há culturas onde é praticamente proibido o diálogo entre homens e mulheres; faz falta a presença de mulheres e moças dispostas a ir;

b) Devem estar dispostos a viver desconfortos diversos, solidão, tensões culturais, adaptação a culinárias diferentes e disposição para viver algum nível de perseguição e riscos, mesmo não estando a frente da missão, não sendo o obreiro pioneiro, há perigos reais. Não devemos romantizar pensando: “como estou indo, serei abençoado (a) e tudo dará certo, irão receber com grande sede e disposição de aprender”. Não é assim. Não foi com Jesus nem com os apóstolos e não será conosco. Porém, isso não impediu que Jesus viesse nem que os apóstolos fossem; também não deve ser impedimento para nós. Na medida da graça que recebemos, no raio de ação que Deus nos conceder, devemos cooperar para que o Reino de Deus chegue a toda criatura.

Há muitas possibilidades longe de nossas casas, mas dentro de nosso país, onde ainda há muita gente para alcançar e devemos nos voltar para essa necessidade de forma definida e intencional. Há milhões de brasileiros sem chance de ouvir o Evangelho ou que foram apresentados a um evangelho diferente daquele que a Palavra de Deus nos ensina.

Sem romantismos e livres da “mística” de que é preciso um “chamado”, como Igreja de Deus, vocacionada por Jesus Cristo há dois mil anos atrás, devemos abrir o mapa do Brasil e do mundo, orar, e buscar quais lugares não foram ainda alcançados, e planejar irmos até lá, para glória de Deus e do Cordeiro que foi morto por estes povos.

REVISÃO DO CONTEÚDO

Nesta centésima vigésima sétima lição do Fundamentos, aprendemos como surgiram as organizações missionárias que dão suporte ao atual modelo missionário; vimos como a igreja necessita se preparar para cumprir o “Ide” de Jesus, restaurando o modelo bíblico.

Compreendemos que todos foram chamados para pregar o Evangelho e não apenas um grupo de escolhidos, visão que foi desmistificada para nós. Finalmente, fomos desafiados a, de forma prática e eficaz, buscarmos no Brasil e no mundo lugares para irmos pregar o evangelho, para que o Reino de Deus chegue a toda a criatura.

CONSIDERE ATENTAMENTE

- 01 Por que foi necessária a criação de organizações missionárias?
- 02 O que é necessário para que a Igreja possa retornar ao “Velho Modelo”?
- 03 Qual o significado da expressão “mística” dos vocacionados?
- 04 Onde começa o meu esforço missionário?



Fundamentos



*Edificados sobre o fundamento
dos apóstolos e profetas, sendo
ele mesmo, Cristo Jesus,
a pedra angular.*

Efésios 2:20



Vídeo completo
Lição 127



Vídeo resumo
Lição 127



fundamentos.me



[fundamentos.me](https://www.instagram.com/fundamentos.me)



[fundamentos.me](https://www.facebook.com/fundamentos.me)



[fundamentosme](https://www.youtube.com/fundamentosme)

contato@fundamentos.me